

## A REVISÃO CRÍTICA DE ADORNO SOBRE O DIRECIONAMENTO ÉTICO DA EDUCAÇÃO

*Alessandro Lombardi Crisostomo*

### Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a abordagem do filósofo Theodor W. Adorno sobre o encaminhamento ético da educação, de tal forma a expor potencialidades e limites desta teoria em meio à discussão atual sobre os fundamentos e finalidades da educação para a formação integral. Será exposto, em linhas gerais, o uso que o autor faz da teoria freudiana para explicar a tendência de regressões à barbárie na civilização, assim como, a análise crítica sobre a função e as possibilidades da educação frente aos desdobramentos da violência presenciada durante a Segunda Guerra Mundial. Discutiremos ainda, os desdobramentos em autores contemporâneos, nos quais se realiza criticamente esta formulação de Adorno acerca do reencaminhamento ético da educação, qual seja, que episódios como o de Auschwitz não ocorrem novamente. Trata-se de uma discussão de cunho teórico-bibliográfico, destinada a refletir sobre as condições civilizatórias da atualidade e o modo como estas sustentariam condições de violência e retrocesso, da mesma forma que, dialeticamente, talvez seja possível elaborar ações teóricas e práticas tendo em vista a emancipação.

**Palavras-chave:** educação; ética; barbárie; teoria crítica.

## ADORNO'S CRITICAL REVIEW ON THE ETHICAL DIRECTION OF EDUCATION

### Abstract

The objective of this article is to analyze the philosopher Theodor W. Adorno's approach to the ethical direction of education, in order to expose its potentialities and contradictions regarding the issue of the ethical purposes of education. In general terms, the author's use of freudian theory will be exposed to explain the tendency of regressions to barbarism in civilization, as well as the critical analysis of the function and possibilities of education in the face of the consequences of the violence witnessed during the Second World War. We will also discuss the developments in contemporary authors, in which Adorno's formulation about the ethical redirection of education is critically realized, that is, that episodes like Auschwitz do not occur again. This is a theoretical-bibliographical discussion, intended to reflect on current civilizing conditions and the way in which they would sustain conditions of violence and regression, in the same way that, dialectically, it may be possible to develop theoretical and practical actions taking into account view of emancipation.

**Keywords:** education; ethic; barbarism; critical theory.

## REVISIÓN CRÍTICA DE ADORNO SOBRE LA DIRECCIÓN ÉTICA DE LA EDUCACIÓN

### Resumen

El objetivo de este artículo es analizar el enfoque del filósofo Theodor W. Adorno sobre la dirección ética de la educación, con el fin de exponer sus potencialidades y contradicciones en torno a la cuestión de los fines éticos de la educación. Se explicará en términos generales el uso que hace el autor de la teoría freudiana para explicar la tendencia a la regresión a la barbarie de la civilización, así como su análisis crítico del papel y las posibilidades de la educación frente a la violencia presenciada durante la Segunda Guerra Mundial. También discutiremos los desarrollos en autores contemporáneos, en los que se realiza críticamente la

formulación de Adorno sobre a redirección ética de la educación, es decir, que episodios como Auschwitz no vuelvan a ocurrir. Se trata de una discusión teórico-bibliográfica, que pretende reflexionar sobre las condiciones civilizatorias actuales y la forma en que sustentarían condiciones de violencia y regresión, de la misma manera que, dialécticamente, sea posible desarrollar acciones teóricas y prácticas teniendo en cuenta visión de la emancipación.

**Palabras clave:** educación; ética; barbarie; la teoría crítica.

## INTRODUÇÃO

O conceito de ética é, de modo geral, confundido com outro conceito similar: o conceito de moral. Há, entretanto, que se pensar em distinções no tocante ao campo de atuação referido a um e outro termo. A questão da ética é tradicionalmente envolvida com a reflexão sobre as ações, escolhas e possibilidades humanas, assim como a capacidade de agir livremente diante das alternativas que a vida oferece. São aspectos da atuação humana que se modificaram historicamente, sempre articulados às configurações da sociedade em questão. Na sociedade moderna, essa discussão se depara com contornos muito específicos, tendo em vista as características da sociedade ocidental, capitalista, industrializada, globalizada.

De acordo com Matos (2008, p.77), existe a confiança histórica dos filósofos na formação do espírito, na formação do caráter e na capacidade de se desenvolver a faculdade de julgamento como fonte de emancipação humana. Tal confiança oriunda da tradição filosófica chegou ao ápice com a Modernidade do século XVIII, isto é, a certeza de que o aprimoramento da razão estaria conduzindo a humanidade para seu apogeu. Entretanto, posteriormente e concomitantemente ao desenvolvimento da racionalidade técnica, ocorreria a constatação do recrudescimento de traços humanos arcaicos, não condizentes com as “luzes” da sociedade moderna. Em termos éticos, em contraste com a igualdade, a solidariedade, a justiça e a liberdade – noções basilares para a criação dos Estados Modernos -, seria possível verificar a ampliação de tendências totalitárias, preservadas no interior da cultura científica, algo discutido ainda na atualidade. Assim, a despeito da racionalização dos meios de produção, da otimização dos recursos e da ampliação do conhecimento técnico e tecnológico, ou seja, do amplo desenvolvimento da racionalidade técnica, haveria um retrocesso no que diz respeito aos outros aspectos que compõem o ser humano em sua integralidade.

A hiperespecialização dos saberes na sociedade moderna teria permitido que o saber científico, orquestrado por demandas financeiras, se desprendesse cada vez mais de outros saberes causando o desconhecimento – simulado ou não – sobre os limites éticos da pesquisa. Neste sentido, teria causado o enfraquecimento e desqualificação de reflexões mais aprofundadas acerca do que poderia ser considerado avanço ou retrocesso, isto é, o quanto determinada pesquisa teria a contribuir para a sociedade, em todos os sentidos e não somente em termos técnicos. Neste sentido, podemos considerar que a dimensão científica ganhou, na sociedade moderna capitalista, características totalitárias, uma vez que se sobrepôs aos outros aspectos da racionalidade humana não reconhecendo as consequências ou limites para a manipulação dos recursos naturais ou humanos. Observamos que tal compreensão já acompanhava o pensamento crítico de Adorno, como na seguinte passagem em parceria com Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*:

No sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores. Mas a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal. [...] A técnica é a essência desse saber, que não visa conceitos e imagens, nem o prazer

do discernimento, mas o método, a utilização do trabalho de outros, o capital. [...] O que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens. Nada mais importa. Sem a menor consideração consigo mesmo, o esclarecimento eliminou com seu cautério o último resto de sua própria autoconsciência. Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos (Adorno, Horkheimer, 1985, p.19-20).

O tema da ética na análise adorniana parte de condições históricas bem definidas. No período após a Segunda Guerra Mundial, observam-se as dificuldades individuais e coletivas para se romper com a inércia do contexto social, marcado pelos episódios recentes de violência e barbárie. O autor toma o fato mais próximo e contundente, como base de sua reflexão ética. No período do pós-guerra, as feridas ainda abertas pelos horrores da regressão à barbárie foram sintetizadas na experiência vivida por milhares de judeus em Auschwitz. Quando se dispôs a debater em intervenções públicas sobre os problemas educacionais, muito tempo depois na década de 1950, propôs que os objetivos formativos fossem redefinidos, tendo por base a emergência concreta de que tal experiência regressiva não voltasse a se repetir. Como é expresso em *Educação e emancipação*:

Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi a regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram esta regressão. É isto que apavora. Apesar da não-visibilidade atual dos infortúnios, a pressão social continua se impondo. Ela impele as pessoas em direção ao que é indescritível e que, nos termos da história mundial, culminaria em Auschwitz (Adorno, 2003, p.119).

Segundo Silva (2013, p.70), Adorno volta-se para a análise da condição humana imposta após essa catástrofe, tomando Auschwitz como o próprio símbolo da consciência “coisificada”. Seria também o grande símbolo da Modernidade, de uma civilização afetada pelos desdobramentos da racionalidade exclusivamente técnico-instrumental. Enquanto criação humana, tal evento exigiria a leitura do processo histórico, racionalmente planejado, que culminou em sua efetivação. Haveria a necessidade de analisar os aspectos de cunho social, não restritos a indivíduos isolados, que permitiram tal acontecimento; pensar a cultura e a ética após Auschwitz seria pensar sobre as forças materiais que atuam efetivamente na construção dos sujeitos e suas subjetividades.

Maar (2003, p.12) também comenta essa tese adorniana, na qual observa-se a condição paradoxal da sociedade alemã, isto é, um contexto no qual a educação e a formação cultural exerceram tradicionalmente importante papel, e, no entanto, fomentou ainda as condições culturais para que a mesma sociedade fosse conduzida inexoravelmente à barbárie. A análise crítica neste ponto serviria para revelar as raízes deste movimento, explicitando as condições determinadas que não são de modo algum acidentais, para então se pensar em meios de interferir no rumo dos acontecimentos. Seria essencial pensar a educação e a própria sociedade em seu devir, elaborando alternativas para capacitar os indivíduos a interromperem a barbárie, antes de sua efetiva concretização. Esta condição contraditória da sociedade é descrita por Adorno, no seguinte trecho de *Educação e emancipação*:

A minha geração vivenciou o retrocesso da humanidade à barbárie, em seu sentido literal, indescritível e verdadeiro. Esta é uma situação em que se revela o fracasso de todas aquelas configurações para as quais vale a escola. Enquanto a sociedade gerar a

barbárie a partir de si mesma, a escola tem apenas condições mínimas de resistir a isto. Mas se a barbárie, a terrível sombra sobre a nossa existência, é justamente o contrário da formação cultural, então a desbarbarização das pessoas individualmente é muito importante. A desbarbarização da humanidade é o pressuposto imediato da sobrevivência. Este deve ser o objetivo da escola, por mais restritos que sejam seu alcance e suas possibilidades. E para isto ela precisa libertar-se dos tabus, sob cuja pressão se reproduz a barbárie. O pathos da escola hoje, a sua seriedade moral, está em que, no âmbito do existente, somente ela pode apontar para a desbarbarização da humanidade, na medida em que se conscientiza disto (Adorno, 2003, p.115).

Diante do exposto, seria importante continuar a investigação de modo a expor o que estaria no fundamento desta contradição, isto é, a concomitância entre avanço e retrocesso. Perseguindo as fontes da teoria adorniana sobre a questão, tentaremos compreender como o desenvolvimento da racionalidade técnica e seus desdobramentos poderia ocorrer de modo simultâneo com a regressão à barbárie, em termos éticos, estéticos, sociais e políticos. O que estaria na raiz das contradições presentes na sociedade alemã e como tal problema poderia ser pensado para esclarecer e determinar os fundamentos éticos de uma educação ou formação integral? É o que veremos a seguir.

## O REFERENCIAL PSICANALÍTICO PRESENTE NA TEORIA ADORNIANA

Observamos que o referencial psicanalítico – algo presente na obra dos principais autores frankfurtianos –, será importante na teoria adorniana para se compreender o conceito de barbárie, relacionado à questão da formação. Freud na obra *Psicologia de grupo e análise do ego* (1974a, p.134 - 138) já sinalizava para a dialética contida no processo de esclarecimento. Afirmava que, na essência da cultura, haveria elementos contrários à própria cultura, os quais nenhum tipo de medida seria capaz de resolver plenamente. Apesar disso, consideraria lícita e justificável a tentativa de questionar o estado cultural em que se vive, buscando formas satisfatórias de proporcionar mais bem-estar e saúde psíquica, em meio às condições possíveis.

O impulso anticivilizatório, inerente à atividade humana em grupo, seria evidenciado pela análise crítica sobre a sociedade, procurando descobrir as raízes de sua imperfeição. De acordo com a teoria adorniana, haveria a relação entre a estrutura psíquica inerente ao contexto das massas e a constituição de regimes totalitários. O narcisismo coletivo - outro termo oriundo do meio psicanalítico - seria essencial para a compreensão dos episódios de barbárie na sociedade contemporânea. Neste sentido, o narcisismo coletivo, isto é, a identificação do indivíduo com as massas tendo por consequência a glorificação da identidade coletiva, e o autoritarismo, ou seja, a manipulação das massas por um líder carismático, seriam aspectos complementares do mesmo fenômeno, “duas faces da mesma moeda”.

Consequência da chamada “má formação do ego”, este perfil psicológico refletiria o contexto social em que os indivíduos são formados sem o referencial seguro de identificação na primeira infância. Em torno dos regimes totalitários, o narcisismo coletivo representaria a identificação das massas indiferenciadas com os ideais projetados pela figura do líder, no anseio inconsciente de suprir a identificação não satisfeita no período de formação. Como afirma Adorno nas *Mínima Moral*:

O narcisismo, que com a desagregação do ego perdeu seu objeto libidinoso, é substituído pela alegria masoquista de não ser mais ego, e a geração ascendente zela pela

sua carência de ego com mais ciúme do que pela maioria dos seus bens, como uma propriedade comum e duradoura. Estende-se assim o domínio da coisificação e da normalização até a sua contradição extrema, o suposto anormal e caótico (Adorno, 2008, p.61).

Crochik (1990, p.153-154) define este tipo de personalidade narcisista como o próprio não-eu, em que o ego é enfraquecido e autocentrado, focando-se em ideais do mundo externo para poder valorizar-se. Contudo, o mundo para o narcisista serviria somente como meio usado na tentativa de preencher o vazio interminável de um eu não constituído, não havendo espaço para o interesse verdadeiro pelo outro ou pela coletividade. O autoritarismo necessitaria da projeção narcisista para se fundamentar nos regimes totalitários. O nazismo teria sido o grande exemplar moderno em que a figura do líder autoritário captou esta má formação psíquica, organizando a coletividade em torno de ideais comuns. O narcisismo coletivo produziria, deste modo, a identificação com a uniformidade, ao mesmo tempo em que repele e pretende destruir qualquer tipo de expressão diferenciada.

Entende-se que o narcisismo coletivo está relacionado ao mecanismo psicológico da falsa projeção, já descritos por Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*, em que se expõe a questão dos elementos do antissemitismo. Ocorreria nesse processo, a percepção errônea do outro diferenciado como a representação do “mal”, da ameaça externa; semelhante estigma reproduziria impulsos e características que foram reprimidas, mas que permanecem como ameaça interna e invisível, subjacentes aos indivíduos e coletivos. Como afirmam os autores:

O mecanismo que a ordem totalitária põe a seu serviço é tão antigo quanto a civilização. Os mesmos impulsos sexuais que a raça humana reprimiu souberam se conservar e se impor num sistema diabólico, tanto dentro dos indivíduos, quanto dos povos [...] O indivíduo obcecado pelo desejo de matar sempre viu na vítima o perseguidor que o forçava a uma desesperada e legítima defesa [...] A racionalização era uma finta e, ao mesmo tempo, algo de compulsivo. Quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo. O distúrbio está na incapacidade de o sujeito discernir no material projetado entre o que provém dele e o que é alheio (Adorno, Horkheimer, 1985, p.174).

O resultado da combinação dos fatores psicológicos acima referidos seria a condição de frieza em relação ao sofrimento alheio. O processo de racionalização das emoções, em paralelo à racionalização da sociedade moderna em termos gerais, imprimiria como característica marcante a negação de elementos diferenciados, rejeitando, sobretudo, o potencial de questionamento e problematização, compreendido como ameaça à ordem estabelecida. A frieza corresponderia à rejeição de impulsos que foram soterrados pela prática consciente, mas permanecem subjacentes à toda atividade humana.

Enquanto negação inconsciente de si mesmo, encontra no outro a ocasião de violência sobre o que não foi capaz de reconhecer em si, destruindo a capacidade de identificação do indivíduo com seu semelhante em suas diferenças. A incapacidade de identificação e conexão entre os indivíduos parece sinalizar para questões éticas inerentes ao desenvolvimento histórico da sociedade moderna; o fato de acontecimentos bárbaros serem tolerados pela coletividade indicaria a indiferença dos indivíduos perante o sofrimento alheio, imperando as relações imediatas pautadas pelo interesse individualista, acima de qualquer outro valor ético. Ou, como afirma Adorno em *Educação e emancipação*:

Se ela [a frieza] não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto, da constituição humana como ela é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com que mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia, como se supôs ideologicamente desde Aristóteles, mas na perseguição dos próprios interesses frente aos interesses dos demais. Isto se sedimentou de modo mais profundo no caráter das pessoas. [...] Se existe algo que pode ajudar contra a frieza como condição da desgraça, então trata-se do conhecimento dos próprios pressupostos desta, bem como da tentativa de trabalhar previamente no plano individual contra esses pressupostos (Adorno, 2003, p.134-135).

A experiência de extermínio em massa em Auschwitz, algo realizado de modo extremamente burocratizado, isento de paixões, com total frieza diante das consequências humanas de tais sofrimentos, teria sido o exemplo máximo da história recente abordada por Adorno. O imperativo ético sugerido pelo autor – redirecionar os objetivos educacionais para a meta de evitar que tal experiência volte a se repetir – traria consigo a gama de questões que envolvem a sociedade em suas múltiplas facetas, a dimensão histórica, antropológica, psicológica e cultural. A educação escolar, neste sentido, se configuraria como o lugar privilegiado – ainda que não único ou isolado – para colocar em movimento projetos dedicados a contemplar tal realidade complexa e a necessidade de uma formação integral, tendo em vista a articulação de princípios éticos com os demais aspectos e potencialidades humanas.

## REFLEXÃO ÉTICA E A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

Maar (2003, p.22) afirma que, na atualidade, dificilmente haverá novamente algum tipo de articulação entre educação e ética, tão contundente como foi o imperativo de que “Auschwitz não mais se repita!”, elaborado por Adorno. Isso porque a sentença, extraída de condições concretas da realidade histórica, teria sido capaz de resumir a amplitude de temas que envolvem a questão. O problema não seria restrito a uma determinada área, mas refletiria a realidade social como um todo; não se refere à questão estritamente “moral” do dever ser, algum tipo de determinação subjetiva prescrita aos indivíduos em coletividade, mas remete-se à questão social objetiva, implicando o conceito de práxis.

A vinculação, assim colocada, de teor ético, não estaria, portanto, restrita à ordem do aperfeiçoamento moral subjetivo, mas implicaria a necessidade de intervenções objetivas, materiais, opondo-se às condições sociais que fundamentam e preservam experiências semelhantes de frieza e barbárie. Auschwitz, enquanto símbolo do progresso técnico, traria em si os germens da regressão indiferenciada, o que indica o fracasso humano não somente no tocante ao evento histórico pontual dos campos de concentração, mas de modo genérico, refletindo assim, as ambiguidades e o modo como os impulsos destruidores são conservados de forma perigosa no meio social; trata-se do fracasso referente à própria formação humana na constituição da sociedade burguesa.

Adorno analisa que os objetivos educacionais não podem desconsiderar as ambiguidades que são peculiares à constituição da sociedade. Seria necessária a análise dos valores que fundamentam a dinâmica social, extraindo disto, a consciência crítica. O enfrentamento da barbárie, assim como a defesa do imperativo ético de que Auschwitz nunca mais se repita, são movidos pela atitude crítica negativa em que, ao confrontar os eventos objetivos se propõe a expor

os meandros dos antagonismos sociais e da natureza humana, abrindo, deste modo, a possibilidade de se criar alternativas mais conscientes para lidar com os impulsos destrutivos inerentes ao ser humano.

Schweppenhäuser (2003, p. 394) observa que, apesar do problema de a universalização da filosofia moral não ter sido abordado de modo específico por Adorno, seus escritos trazem elementos capazes de possibilitar a reflexão sobre o tema. A teoria adorniana problematizaria as determinações positivas dos princípios filosófico-morais da Modernidade propondo sua análise negativa, ao mesmo tempo em que denuncia o abandono da reflexão em face da dialética dos princípios morais. O interessante na abordagem do autor frankfurtiano, segundo o autor, seria a possibilidade de crítica em face de posições ideológicas, sem que necessariamente seja rejeitada a tradição filosófica que fundamenta tais posições. No movimento de crítica moral negativa, em paralelo à crítica epistemológica da tradição filosófica, haveria na teoria adorniana o potencial de expor ambiguidades profundas ao mesmo tempo em que se conserva da tradição filosófica elementos que são fundamentais, o que evitaria uma “queda” no ceticismo radical como o observado em pensamentos contemporâneos que se seguem ao pós-modernismo. Neste sentido, negar a moral vigente da sociedade burguesa não levaria, necessariamente, ao relativismo ou à extinção da moral, mas ao método da negação da negação, enquanto modelo crítico de análise e superação da positividade idealista moderna, acompanhando o sentido formulado por Marx.

Ainda de acordo com Schweppenhäuser (Idem, p. 396), a pretensão de validade do imperativo ético desenvolvido pela teoria adorniana teria sua fundamentação ligada à experiência histórica, pelo interesse na abolição do sofrimento. Analisando as máximas éticas elaboradas positivamente pela tradição filosófica-moral, Adorno indicaria o fracasso de tais construções ideológicas em face da realidade histórica catastrófica manifestada por experiências como a de Auschwitz. Diante disso, não seria mais possível dizer o que deve ser, mas apenas o que, por todos os meios, precisaria ser evitado no prosseguimento da história. Adorno evitaria apelar para qualquer outra instância do campo das formulações éticas que não seja o puro e simples impulso moral, caracterizado pela experiência concreta de contato com o sofrimento, algo realizado e refletido diretamente na interação dos indivíduos em sociedade e no interior do processo histórico. Esta sim – a experiência – e não os valores ou conceitos abstratos, seriam os fundamentos mais adequados para nortear as abordagens educacionais destinadas a conduzir processos de formação integral.

Enquanto problemática diante das possibilidades de formulação ética dos norteadores para a educação, considera-se que o impulso moral na sociedade contemporânea é obnubilado pela frieza das relações, enquanto característica básica da dinâmica social na sociedade capitalista. Reflete os modos de produção e reprodução da cultura, baseada na lógica da concorrência mercadológica, atrelada ao consumo individualista. Estas seriam características gerais da Modernidade, as quais se desdobrariam na atualidade por outros mecanismos. Entretanto, no cerne da questão permanece o fenômeno pelo qual a racionalidade instrumental se sobrepõe aos outros âmbitos de manifestação humana, tendo por consequência o esvaziamento das relações, reduzidas ao cálculo no interior de sistemas de equivalência monetária. Deste modo, assim como “tempo é dinheiro”, pessoas também se equivalem às cifras e todo o restante da complexidade humana estaria reduzida à mesma lógica.

Em termos educacionais, esta configuração obrigaria os especialistas da área a repensarem os valores e fundamentos éticos para a atividade formativa, uma vez que, diferente do modo como funcionavam as sociedades antigas, estes pilares não seriam mais evidentes em si mesmos. Como afirma Adorno, em *Educação – para quê?*

No instante em que indagamos: “Educação – para quê?”, onde este “para quê não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas. E, sobretudo, uma vez perdido este “para quê”, ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade, erigindo um objetivo educacional a partir de seu exterior (Adorno, 2003, p. 140).

Bueno (2010, p. 306) chama a atenção para a atualidade das condições que se contrapõem ao encaminhamento ético da educação. O autor, seguindo a Teoria Crítica, salienta que as condições geradoras dos tipos de barbárie peculiares ao fascismo estariam ainda presentes na sociedade contemporânea, não sendo de modo algum incompatíveis com as instituições democráticas em vigência. Haveria também, a preservação do processo de atração, muitas vezes irresistível, exercida pelos coletivos sobre os indivíduos, assim como a influência hipnótica de líderes, capazes de mobilizar a libido individual em meio à coletividade. A leitura rígida e estereotipada da realidade ainda seria capaz de despertar a fúria inquisitiva sobre as vítimas do momento, as quais se apresentariam de modo intercambiável, isto é, variando de acordo com a situação ou contexto. Na prática, seria possível identificar inúmeros episódios de violência, sustentados por motivações variadas, mas tendo o mesmo problema de fundo como princípio, qual seja, a formação deteriorada, esvaziada de sentido ético e incapaz de articular de modo satisfatório os diversos aspectos que compõem o ser humano em sua integralidade, dito em uma única expressão: o problema da semiformação (Adorno, 1996).

Oliveira e Zuin (2011, p. 580) também chamam a atenção para o isolamento dos indivíduos, considerando o abismo entre as relações humanas nos tempos de interconectividade. Observam, em conformidade com a teoria adorniana, que, junto ao progresso científico sem precedentes na história, uma nova barbárie transpassaria todos os aspectos da existência. Tal condição seria refletida pelo modo como as escolas reproduzem o entorpecimento cultural que atualmente constitui os valores vigentes pautados pelo hedonismo vazio, a liquidez das relações e os atos constantes de ódio e intolerância que permeiam toda a sociedade. Ver e entender o abismo que separa as pessoas, assim como os reflexos desse processo na educação seria fundamental no momento presente, em que os indivíduos estão extremamente conectados pelas novas tecnologias, mas talvez mais solitários do que nunca em determinados aspectos.

É interessante considerar como, em alguns termos, a formulação crítica de Adorno a respeito da solidão adianta essa discussão atual, no tocante à incapacidade contemporânea para o amor. Como afirma em *Educação após Auschwitz*, nos seguintes termos:

O que contradiz, o impulso grupal da chamada lonely crowd, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la. Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar. A incapacidade para a identificação foi sem dúvida a condição psicológica mais importante para tornar possível algo como Auschwitz em meio a pessoas mais ou menos civilizadas e inofensivas. [...] Não me entendam mal. Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã: ninguém teria inclusive o direito de pregá-lo, porque a deficiência de amor, repito, é uma deficiência de todas as pessoas, sem exceção, nos termos em que existem hoje. Preguar o amor pressupõe naqueles a quem nos dirigimos uma outra estrutura de caráter, diferente da que pretendemos transformar. Pois as pessoas que devemos amar são elas próprias incapazes de amar e por isto nem são tão amáveis assim. Um dos grandes impulsos do cristianismo, a não ser confundido com o dogma, foi apagar a frieza que tudo penetra. Mas essa tentativa fracassou: possivelmente porque

não mexeu com a ordem social que produz e reproduz a frieza (Adorno, 2003, p.134-135).

Retomando Freud em *O mal-estar na civilização* (1974b, p.144-145), podemos verificar que o autor, ao discutir as ambiguidades sociais, observou o que pareceria ser uma luta entre o princípio de *Eros* (o amor) e o seu contrário, a morte. Nesses termos, aquilo que ligaria os indivíduos por razões maiores do que o simples interesse individual e sem o que a sociedade nunca poderia ter se configurado, ou seja, o princípio do amor, estaria em contraposição constante com o impulso no sentido contrário, a tendência destrutiva também imanente à dinâmica social. Assim, a cultura estaria a serviço de *Eros*, ligando libidinalmente os indivíduos por laços mais fortes do que o mero interesse mercadológico; por outro lado, a própria sociedade, movida por este impulso criador, também cultivaria a tendência anticivilizatória que irrompe em episódios de barbárie. Tais princípios psicanalíticos são discutidos por Adorno (2003, p.119-120), enfatizando-se a perspicácia de Freud em colocar à mostra, na cultura e na dinâmica social, fatores que teriam originado e fortalecido no decorrer do progresso civilizador o seu elemento contrário, o anticivilizatório.

Compreendemos que a incapacidade de amar estaria presente no condicionamento histórico da sociedade moderna e contemporânea. Por não se tratar de evento isolado, mas de uma deficiência coletiva, a falência da tal capacidade apontaria para condições sociais determinadas, as quais necessitam da observação abrangente sobre as diversas dimensões que envolvem a questão. Faz parte da tradição filosófico-moral discutir temas desta natureza sem considerar os fatores concretos que influenciam diretamente na efetividade das afirmações ou propostas. Devido a ineficiência de tais elaborações, estritamente abstratas, mantém-se um constante abismo intransponível entre os planos teórico e prático. O pensamento crítico adorniano ao pretender, em sua negatividade, transpor tais distâncias, evitaria cair na redução das unidades identificadoras; estabeleceria a comunicação entre um plano e outro mantendo as especificidades dos elementos teóricos em contraposição aos fundamentos concretos.

Entende-se, por isso, que o projeto emancipatório da Modernidade não teria sido abandonado pelos filósofos frankfurtianos, mas reformulado de acordo com as observações críticas sobre a tradição do conhecimento e dos fatos históricos decorridos na contemporaneidade. Como é dito nos seguintes termos:

Aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo – a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação (Adorno, 2003, p.151).

Compreende-se, em concordância com o autor, que as condições concretas não representam limites intransponíveis, capazes de subjugar qualquer possibilidade de emancipação humana, por meio da razão. A experiência emancipatória, equivalente à experiência da formação integral, seria aquela, portanto, capaz de envolver a prática e a teoria, isto é, o mergulho na concretude dos fatos e a mediação intelectual, incluindo todos os aspectos que compõem a integralidade humana. Neste conjunto, enfatiza-se a importância do direcionamento ético da formação, enquanto modo de sustentar o encaminhamento de projetos na direção do aprimoramento humano.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que a abordagem adorniana sobre o encaminhamento ético da educação recoloca em bases concretas, históricas, a discussão sobre os objetivos educacionais. O caráter negativo da crítica tenderia a opor resistência em relação às afirmações morais e éticas de cunho ideológico, que não considerem o desenvolvimento concreto e as relações sociais em suas ambiguidades.

Um grande desafio da educação atual seria reconhecer a complexidade que compõe a experiência formativa, ao mesmo tempo em que compreende a importância do direcionamento ético – não ideológico –, como forma de nortear os processos educacionais. Tal compreensão incluiria a análise crítica sobre as relações sociais, nas quais prevalece a sobreposição de aspectos da racionalidade técnico-instrumental sobre outras formas de manifestação humanas, tendo por resultado a configuração de relações reduzidas, deterioradas, capazes – em potencial – de perpetuar a barbárie em episódios renovados de violência.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Teoria da semicultura (1959). *Educação e sociedade*, Campinas, ano XVII, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.
- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. *Educação e Emancipação* (1970). São Paulo: Editora Paz e Terra, 2003.
- ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. *Mínima Moralía. Reflexões a partir da vida lesada*. Azougue Editorial, 2008.
- BUENO, Sinésio Ferraz. Educação, paranoia e semiformação. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, v. 26, n. 2, p. 299-316, ago. 2010.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.
- CROCHIK, José Leon. A personalidade narcisista segundo a Escola de Frankfurt e a ideologia da racionalidade tecnológica. *Psicologia USP*, v. 1, n. 2, p. 141-154, 1990.
- FREUD, Sigmund. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro: Imago, 1974a. (ESB,18). p. 89-179.
- FREUD, Sigmund. (1930 [1929]). *O mal-estar na civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1974b. (ESB, 21). p. 81-171.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1968, 1985.
- MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. *Educação e Emancipação*. São Paulo: Paz e Terra. 2003. p.11-28.
- MATOS, Olgária Chain Feres. Ethos e amizade: A morada do homem. *Psicanálise e cultura*, São Paulo, 31(46), p.75-79. 2008.
- OLIVEIRA, Alessandro Eleutério de; ZUIN, Antônio Álvaro Soares. Alunos e professores no Orkut: a educação escolar arena ciberespacial. *Linhas Críticas*, Brasília, v. 17, n. 34, p. 561-582, set./dez. 2011.
- SCHWEPPEHÄUSER, Gerhard. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 391-415, ago. 2003.

---

SILVA. Alex Sandro. Auschwitz e a interrupção da poesia ou uma crítica imanente da barbárie contemporânea. *Impulso*, Piracicaba, 23(58), 69-79, out./dez. 2013.

*Submetido em 13 de dezembro de 2023*  
*Aprovado em 1 de julho de 2024*

### Informações do autor

Nome do autor: Alessandro Lombardi Crisostomo

Afiliação institucional: FEUSP

E-mail: [alecrisostomo2016@gmail.com](mailto:alecrisostomo2016@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-4589-3660>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2634571612302127>